

Mário Castelhano  
esboço biográfico

N 61/C. 41

à memória dos quatro  
lutadores da causa libertária: Pedro Santos Filipe,  
Abílio Augusto Reschiar, Arnaldo Simões Yaminio  
e Mário dos Santos Castelhano; que no Campo  
de Concentração do Tarrafal, perderam a vida.  
Sentida homenagem  
aos mortos.

Proêmio

Trabalho difícil este, que nos propusemos  
realizar: escrever sobre um amigo que em toda  
a sua vida teve atos e atitudes dum eleva-  
do nível, dum nobreza de carácter pouco  
vulgar. É, de facto, uma tarefa que, dado as  
trabalhos já decorridos, após a morte desse  
amigo, se nos torna bastante penosa.  
A elaboração de vinte e um anos, na luta  
em defesa da Liberdade e das reivindicações  
do proletariado, e ainda a elaboração de ideias  
e sincera amizade que occupam os nossos  
são o suficiente para nos impôr o dever de  
escrever o esboço da sua biografia, não só para  
as que o não conheceram na intimidade,  
mas também para aqueles que, lutando ao  
seu lado recordem com saudade a figura mo-  
ral que perderam.

Mário Castelhano não teve na sua vida  
um acto que pudesse ser considerado meua  
digno, uma atitude meua correcta.

Depido de vaidade, alheio ás ambições tão  
vulgares no género humano, entregou-se com-  
pletamente ao ideal de perfectibilidade humana.  
A morte a juvenia, mas esta meua lhe  
serviu de obstáculo à realização das meua  
aspirações.

Mário era o doutrinario, o organizado, o  
lutador. No gabinete transmitia ao papel todas  
as meua ideias, estudos, apresentando-me depois  
a discussão das meua causas. Brevia cause

18  
Como se trata dum simples esboço biográfico,  
e dudo que não possuímos aqui elementos para  
o ampliar como era nosso desejo, aqui fica, creemos,  
o suficiente para que se fique conhecido a tenaci-  
dade do lutador que se segue.

Foi uma vida agitada e de constantes preocu-  
pações. E no fim mais com as injustiças, de que foi  
vítima por parte das pessoas que se diziam concientes,  
do que com as misérias dos governantes, porque  
estas eram a resultante da sua própria luta.

No capítulo seguinte analisá-lo-emos como  
idealista.

### Mário anarquista

#61 / C. 41

Dizer que Mário Castilho era anarquista,  
não é uma afirmação que possa sofrer, com proprie-  
dade, qualquer contestação séria.

Não era dotado que para desejar um ideal precisava  
afirmar constantemente que o defendeu. Pelo contra-  
rio, deixava aos outros o julgamento pelos seus actos.  
Só os entendem que se preciso alardear pela pala-  
vra, a propósito de tudo e de nada, que defendeu  
esta ou aquela ideia, dando-nos a impressão de  
que os seus actos e atitudes não são o suficiente  
para que sejam considerados como tal. Mário  
tinha a preocupação de que os outros, analisando  
os seus actos e prontas de vista, que teriam o bra-  
damente apresentara, o considerassem o que na  
realidade era - anarquista. Foi assim que o conhe-  
cemos.

Não se impõe das considerações que fizemos,  
que Mário tenha horror à afirmação. Não. Mário, sempre  
que reconhecia a necessidade de imental ter a sua  
qualidade, e para que não restasse a menor dúvida  
nos que o espreitavam, afirmava-se anarquista duma  
maneira bastante clara.

Seja anarquista por sentimento ~~ou por convicção~~  
~~mentem~~ por inteligência, entendia ser necessário,  
para que esse ideal penetrasse no cérebro dos traba-  
lhadores, a propaganda se fizesse, quer pelos orga-  
nismos anarquistas, quer pela organização sindical,  
baseada nos princípios federalistas. Os fundamentos  
desta opinião que ele defende com ardor a entre-  
da dos anarquistas nos sindicatos, dando assim a  
sua colaboração à organização sindical. Era nos  
sindicatos, dizia, que os anarquistas podiam de-  
monstrar a sua capacidade organizadora, contri-  
buindo para que os trabalhadores, a medida que  
fossem adquirindo por intermédio do seu sindi-  
cato uma melhor situação económica, conseguis-  
sem também uma mais sólida consciência de re-  
volucionária no sentido federalista. Afirmava  
ser aos anarquistas que competia, por meio da sua  
propaganda, defender a organização sindical das  
influências políticas partidárias. Foi esta forte  
convicção que o levou a auxiliar sempre as organiza-  
ções sindicais, onde prestou relevantes serviços, que  
jamais podem ser esquecidos.



Todos que conviviam com Mário tiveram ocasião de conhecer a sua concepção de solidariedade. Em este aspecto ele era o verdadeiro anarquista. Era ele que, onde quer que se encontrasse, tomava a iniciativa de se criarem comissões para esse fim. Contribuia por vezes com importâncias superiores às suas possibilidades. Quantas e quantas vezes não deu ele, nas ruas de Lisboa, todo o dinheiro que possuía nos bolsos aos camaradas necessitados que lhe apareciam?

Quando qualquer camarada, que não possuía condições, se encontrava desamparado por falta de trabalho ou devido às perseguições do patrão, Mário procurava logo um grupo de amigos que se cotizasse a fim de lhe prestar a solidariedade aos efeitos camaráes.

Devido às condições económicas da família, teve, na prisão, condições para viver melhor do que a maioria dos seus camaradas. Apesar disso, nunca comparou nada especial para si, susceptivo de ao rancho, que muitas vezes evitava de comer para não agravar a doença de intestinos de que há muito sofria. Se por vezes lhe diziamos que comprasse alguns alimentos em substituição do rancho, por este não ser aconselhável ao seu padecimento, respondia-nos que também o não era para a maioria, e que tudo isto tinha de o comer por não ter possibilidade de comprar outra coisa.

3. Um dos alimentos especiais que lhe compramos (e que especial se lhe pode chamar) era um leite com um copo de leite, e mesmo isso fazia-o com o cuidado que meu todos os seus camaradas o procuravam fazer.

A maior parte da importância, que geralmente recebia, empregava-a na solidariedade aos seus camaradas.

Defendeu sempre o princípio de que a solidariedade deve ser prestada voluntariamente sem o menor constrangimento, pois só desta forma a comprehendia.

A sua grande preocupação era a de indagar das necessidades dos seus camaradas doentes, para que não lhes faltassem as coisas mais indispensáveis. Sempre que encontrasse essas necessidades, tratava imediatamente de as satisfazer.

Defendeu com tenacidade os organismos de solidariedade, e, onde quer que se encontrasse, fazia propaganda para o seu desenvolvimento.

Não concebia que um militante não tivesse a verdadeira noção dos deveres de solidariedade, exprimindo-a no liberalismo. Quando se referia à solidariedade, dizia: "As nossas deusas são, precisamente, a caridade, a solidariedade; logo, as que a desprezarem, não podem esquecer-se. Se o fizerem ou não procederem como pensam ou pensarem erroneamente."

para não dar todas as opiniões, reputava como  
aqueles muitos e convenientes as opiniões dos discordantes,  
respeite como a máxima tolerância. Não tinha todas  
as sugestões justas, partisseu elas do onde partisseu,  
de admissíveis ou de careligionários. Uma vez que  
erraz sugestões tivessem em vista os interesses  
dos trabalhadores, não devia, em sua opinião,  
ser desprezadas.

Os seus métodos organizativos eram bem  
recolhidos, pois não despregava o mais insignifi-  
cante para nenhum.

Na ocasião, nunca deixou de aparecer de  
as necessidades da luta exigiam a sua presença.  
Suando se tratava de efectuar qualquer trabalho,  
Mário reservava sempre para si o mais espinhoso,  
o mais perigoso.

Não vacillava perante o perigo: onde chegasse  
uma batalha, ele também podia chegar lá lá.

Não conhecia a escuridão, e afirmava, se um  
depois do ideal perdere a vida, tinha cumprido  
o seu dever.

Mário Cartelhamo morreu no momento em  
que meivos se esperava. Possuia uma grande  
resistência moral, sempre animado e esperançoso  
do em vez o proletariado conquistar mais  
liberdade e melhor situação económica, tendo  
por finalidade a sua integral emancipação.

O seu maior desgosto era o não conhecer  
todas as possibilidades da guerra civil espanhola,  
o decorrer da luta e as causas da sua perda.

A esperança sempre crescente era a de um  
dia ler tudo quanto se tivesse escrito e niene  
a escrever sobre a citada guerra. Nunca quis  
discutir as a contencimentos por não possuir  
elementos, e por isso não emitia nunca a sua  
opinião que anuclaria ter-se de rectificar.

A guerra actual também o preocupava bas-  
tante, vivendo ansiosamente para obter impac-  
tantes no sentido de saber as causas das in-  
felicidades atitudas formadas pelas nações, o que  
infelizmente não conseguia.

O que o lutar vai ter é a desercão sim-  
ples e real, fúria de autiliterária, e certo, mas  
sem exagerar nem faltarias.



Mário periclitou os estabelecimentos de ensino  
até aos catorze anos.

As dificuldades económicas de seus pais obrigava-  
no, embora contra a vontade destes, a abandonar os  
estudos para escolher uma profissão, com a remun-  
eração pudessem auxiliar sua família.

Mário, após três annos mais vellos, era  
em repallos nos caminhos de ferro da C.P. escolheu  
esta profissão também para si. Porém, não querendo  
entrar para a Companhia em um practicante de factas,  
o que teria de estar seis meses sem ordenado,  
entrou como ordenança do telegrapho. Deixou-se  
ao estudo dos serviços telegraphicos, e, em pouco  
tempo, habilitou-se a concorrer ao concurso para  
aspirante a factar.

Não admitiu a influencia dos irmãos a fim-  
de, como da, irar bem no concurso, pois só queria  
o lugar obtido pelos seus conhecimentos profissio-  
nais.

Quando aspirante para a estação de Beaufort  
ali desempenhara as suas funções, cabalmente, e tu-  
dara tudo que dizia respeito ao seu futuro de promovi-  
do, e, dentro de seis annos, foi promovido a factar  
de terceira classe para a estação de Alcañices Mar.

Quando foi promovido a factar de 2ª classe para  
a estação de Santa Apolonia, estação de grande movi-  
mento e onde os factores eram fucados a uma vida  
de constantes deslocaimentos para as estações da linha,  
resolheu por este facto concorrer ao concurso de uma  
nuoveza para as servicias contrair.

Foi para a distribuição do pessoal da exploração  
(servicio de contabilidade). Obteve ali as suas funcões  
ato em febr. de 1920, tendo nessa altura a categoria  
de empregado de 1ª classe.

grava, imiti do seguinte anno, quando terminou a  
de estado, retirou muitas das regalias ao pessoal,  
que tinha sido concedido pela fúria aronada.

Terminado o conflicto, a Companhia começa  
por fazer exigencias ao pessoal, entre ellas, a de  
assinatura dum contrato de trabalho, que Mário  
considerou atentatorio a sua dignidade, e  
por isso se recusou a assiná-lo. Os seus chefes  
de servicio, bem como os seus companheiros,

